

## **Aquisição dos clíticos por falantes de Português língua não materna<sup>1</sup>**

M. Joana Pimentel do ROSÁRIO  
(Universidade Aberta)

### **1. Introdução**

Os clíticos em Português europeu (PE) são geralmente difíceis para os falantes de outras línguas, especialmente aqueles cuja língua materna não tem clíticos ou, se os tem, são de natureza muito diferente.

Neste artigo, defendemos que o estudo da aquisição dos clíticos (pronomes objecto) em Português Europeu por aprendentes franceses e ingleses pode contribuir para determinar o grau de dificuldade desta especificidade da língua portuguesa e ainda a extensão da influência da língua materna (L1) na aquisição de uma língua não-materna (L2). Apresentaremos os resultados de um estudo realizado<sup>2</sup> e baseado numa análise quantitativa de dados. Os resultados apontam para a confirmação das nossas hipóteses:

- (1) os aprendentes franceses têm mais facilidade na aquisição dos clíticos que os aprendentes ingleses, em virtude de estes também existirem em Francês (L1);
- (2) os clíticos argumentais, devido à sua natureza, são mais fáceis de serem adquiridos que os clíticos não-argumentais;
- (3) a ênclise é o padrão sintáctico preferido por todos os sujeitos, mesmo os franceses, em virtude de ser a opção não-marcada;
- (4) a sintaxe dos clíticos será condicionada pelo tipo de clíticos envolvidos na frase;
- (5) a próclise é afectada pela presença de determinado tipo de marcadores.

### **2. Clíticos em Português europeu: tipos e sintaxe**

Os clíticos têm sido caracterizados, na Gramática, como formas semelhantes a palavras, mas que dependem estruturalmente de uma palavra vizinha, como é o caso dos pronomes pessoais átonos das línguas românicas, considerados clíticos simultaneamente sintácticos e fonológicos (Nespor, 1993).

#### **2.1. Tipos de clíticos em Português**

Segundo Duarte, Matos e Faria (1994), os pronomes clíticos objecto (me, te, o, a, lhe, se, nos, vos, os, as, se, lhes) em Português Europeu, conforme a sua função na frase, podem ser classificados em:

- (1) argumental acusativo: Convidamo-la para jantar.
- (2) argumental dativo: A Ana deu-lhe o livro.
- (3) argumental reflexo: Ele veste-se sozinho.
- (4) argumental passivo: Vendem-se casas no Algarve.
- (5) argumental nominativo: Diz-se que o governo vai perder as eleições.

- (6) não-argumental- dativo de posse inalienável: Escutaste-lhe a voz?
- (7) não-argumental- dativo de posse: Ao Zé, conheço-lhe bem os defeitos.
- (8) não-argumental-dativo-ético: Lava-me essas mãos.
- (9) não-argumental-inerente: Eles riram-se do Zé.
- (10) não-argumental- inacusativo: O espelho não se partiu com a queda.
- (11) não-argumental- médio: Estas calças lavam-se bem.

## 2.2. Sintaxe dos Clíticos

Quanto à sintaxe, o PE exhibe dois padrões fundamentais de ordem para os clíticos, a ênclise e a próclise e um padrão em regressão, a mesóclise.

- a) *posição enclítica*, i.e., posição de adjacência à direita do verbo (V-CL) é considerada básica e ocorre obrigatoriamente em frases-raiz, em frases coordenadas e em frases subordinadas que não apresentem um elemento de tipo operador em posição pré-verbal. Verifica-se mesmo uma maior dependência entre o clítico e o hospedeiro com a ênclise do que com a próclise.
- b) Os pronomes clíticos em Português Europeu ocorrem em *posição mesoclítica* com as formas do Futuro do Indicativo e do Condicional, desde que não se verifiquem motivações para o uso de próclise.
- c) A *posição proclítica*, i.e. posição de adjacência à esquerda do verbo (CL-V) é, geralmente, motivada pelo operador de negação em posição pré-verbal, pelo preenchimento lexical da posição COMP, pelo complementador, pelo Operador Que, precedendo o verbo, pela presença de quantificadores, advérbios (ainda, bem, já, raras vezes, etc.) antes do verbo e de sintagmas focalizados.

O Português Europeu apresenta a possibilidade de construções de redobro do clítico com os clíticos pronominais:

- (12) O Zé não me chamou (a mim).
- (13) O Zé viu-a (a ela) ontem.

Segundo Duarte e Matos (1994), o Português Europeu apresenta também a possibilidade de subida do clítico (14) e de subida de clítico simultânea (15):

- (14) A Ana fê-lo comer a sopa.
- (15) Acho que ele nos viu e cumprimentou.

## 3. Clíticos em Francês: tipos e sintaxe

Os clíticos objecto em Francês são: me, te, le, la, lui, se, nous, vous, les, leur, se. O Francês apresenta quase todos os tipos de clíticos objecto referidos para o PE, com a excepção do clítico nominativo.

- (16) argumental acusativo: Marie le connaît.
- (17) argumental dativo: Marie leur parle.
- (18) argumental reflexo: Jean se rase.
- (19) argumental passivo: Il s'est fait couper les cheveux.
- (20) não-argumental - dativo de posse inalienável: Il se lave les mains.

(21) não-argumental- dativo de posse: Nous lui connaissons toutes ses manies.

(22) não-argumental- dativo-ético: Je vais me manger une pomme.

(23) não-argumental - inerente: Marie s' évanouit.

(24) não-argumental-inacusativo: La branche s'est cassée.

(25) não-argumental- médio: Une robe de soie se lave facilement.

Quanto à sintaxe, os clíticos objecto em Francês são proclíticos (vd. Cardinaletti e Starke, 1994).

O Francês não admite a possibilidade de subida do clítico simultânea, restringindo-se a subida do clítico às construções causativas, passivas e com tempos compostos:

(26) Jean lui a fait manger la soupe.

(27) Je me suis coupé les cheveux.

(28) Il nous a raconté la vérité.

#### 4. Pronomes em Inglês

Os pronomes pessoais objecto e reflexos (me, you, him, her, it, us, you, them, myself, yourself, himself, herself, itself, ourselves, yourselves, themselves) em Inglês não têm o estatuto de clíticos e surgem, geralmente, em posição pós-verbal:

(29) I saw her with them.

(30) John has hurt himself.

Contudo, por razões de ênfase, a posição destes pronomes pode ser diferente:

(31) Her, I hate.

#### 5. Aquisição dos clíticos

Os estudos realizados sobre a aquisição dos clíticos são, geralmente, feitos com crianças e de tipo longitudinal, tornando a comparação com o nosso estudo bastante difícil. No entanto, não queremos deixar de os referir, dada a sua importância nesta área. A maioria dos estudos sobre o Francês refere que os clíticos objecto surgem relativamente tarde no desenvolvimento da linguagem das crianças (Clark, 1985). Contrariamente, Weissenborn (1988) observa que a ocorrência dos clíticos objecto surge relativamente cedo nas crianças (entre 2;00 e 2;04). Pierce (1992) verifica que os clíticos objecto surgem, apenas, depois dos pronomes sujeito. White (1996), Hammann, Rizzi e Frauenfelder (1996) observam o mesmo fenómeno. Stenzel (1994), ao estudar duas crianças bilingues, verifica que as crianças usam estratégias diferentes na aquisição dos clíticos. Uma das crianças usa a estratégia de "tudo ou nada" e a outra uma estratégia mais estrutural com fases distintas. Relativamente ao Português, Duarte, Matos e Faria (1994) observam que os clíticos argumentais são adquiridos antes dos clíticos não-argumentais. Quanto à sintaxe, afirmam que a ênclise é o padrão mais sistematicamente encontrado, mesmo em contextos que requerem a próclise, nas frases produzidas pelas crianças até cerca dos 4 anos. Afirmam também que a preferência pela ênclise se verifica igualmente nas gerações mais novas. Segundo as mesmas linguistas, as crianças (cerca dos 48 meses) parecem dominar a próclise quando desencadeada pela negação ou por complementadores. Observam que, nas frases com verbos auxiliares, as crianças, desde cedo (20 meses), associam, preferencialmente, o clítico à forma verbal com flexão

mais rica, preferindo a subida de clítico. Afirmam que os clíticos acusativos são pouco produzidos pelas crianças e sugerem que isso se deve a: uso de leísmo e uso da estratégia de objecto nulo.

## 6. Desenho Experimental

### 6.1. Sujeitos

O grupo experimental era constituído por 120 sujeitos, sendo 54 falantes de Francês (FR), 21 falantes de Português, mas residentes em França (PS) e 35 falantes de Inglês (ING). O grupo de controlo (POR) é constituído por 10 sujeitos, falantes de Português Europeu e residentes em Portugal. Neste trabalho, não comentaremos os resultados do grupo PS, já que são semelhantes ao do grupo de controlo.

### 6.2. Materiais

Começámos por aplicar um teste de língua de tipo *cloze* para identificarmos o nível de língua dos sujeitos do nosso estudo. Os resultados obtidos com a mediana sugerem que os sujeitos franceses e ingleses possuem um nível de língua semelhante: FR (franceses): 99.50; ING (ingleses): 104.00; POR (portugueses/ controlo): 147.50

Os resultados sobre os clíticos foram obtidos através da aplicação de dois testes: Um teste com *juízos de gramaticalidade* e um *exercício gramatical*. O primeiro teste era constituído por várias frases, tendo os os sujeitos que assinalar com uma cruz se as respostas eram correctas (A), se eram correctas, mas tinham dúvidas (B), se eram incorrectas (C) ou se achavam incorrectas, mas não tinham a certeza (D). O segundo teste era constituído por duas secções. Na primeira secção, os alunos tinham de preencher os espaços com os clíticos adequados. A segunda secção destinava-se a observar a sintaxe dos clíticos, tendo os sujeitos que colocar o pronome no lugar adequado da frase.

### 6.3. Dados e Métodos de Análise Estatística

Os dados foram armazenados em bases de dados construídas para o efeito. Seguidamente, aplicámos a ambos os testes, o teste de  $X^2$  para observarmos a relação entre as variáveis e testar as hipóteses do nosso estudo. Ao teste C, o teste sobre as intuições linguísticas dos sujeitos, aplicámos ainda dois outros métodos de análise estatística que, apesar de utilizarem técnicas diferentes, produzem resultados complementares: a análise classificatória das variáveis e a análise factorial das correspondências.

## 7. Resultados e Discussão

### 7.1. Teste C: Juízos de gramaticalidade

Os resultados obtidos com este teste confirmam as nossas hipóteses iniciais e apresentadas em 1. Assim, o grupo de sujeitos ingleses revela mais dificuldades na aquisição da maioria dos clíticos não-argumentais e nos clíticos argumentais de tipo acusativo e dativo, uma vez que associam, preferencialmente, o clítico acusativo [+HUM] à forma *Ihe*. O grupo de franceses faz o

mesmo tipo de erros com os clíticos acusativos, indicando que ainda não dominam todas as propriedades lexicais dos verbos. Duarte, Matos e Faria (1994) identificaram também este fenómeno na linguagem das crianças e na de alguns adultos. Gonçalves (1996) observou o mesmo fenómeno em relação ao Português de Moçambique

Observámos que todos os grupos, incluindo o grupo de portugueses, obtêm melhores resultados com as construções enclíticas do que proclíticas, confirmando, de certa maneira, aquilo que Duarte, Matos e Faria (1994) já haviam observado relativamente às crianças monolíngues de Português. Acharmos que a explicação para este facto pode estar relacionada com a Teoria da Marcação. Tanto o Português, como o Francês são línguas, essencialmente, SVO, excepto na sintaxe dos clíticos objecto. Assim, sugerimos que a ênclise é a construção menos marcada e não nos deverá, por isso, surpreender a preferência dos portugueses e dos franceses (e é claro dos ingleses) por este tipo de construção. C. Platzack (1996), no quadro do Programa Minimalista de Chomsky, sugere que a ordem básica é SVO e, por isso, é mais fácil do ponto de vista de aquisição. Harverkort e Weissenborn 1991 (in Kaiser, 1994) observam também que as crianças monolíngues de Francês colocam, numa fase inicial, os pronomes clíticos depois do verbo. Todos os sujeitos parecem ter mais dificuldade com as construções proclíticas. Estas são, no entanto, afectadas pela natureza dos clíticos envolvidos. Os sujeitos parecem ainda preferir determinado tipo de marcadores que desencadeiam a próclise. Identificámos um grupo de sujeitos (franceses e ingleses) que preferiam elementos como o operador de negação *não*, o sintagma focalizado *até*, o complementador *que* e o NP quantificado, *qualquer pessoa* à perífrase aspectual, *acabar de*. Estes sujeitos demonstram uma orientação mais sintáctica do que semântica na interpretação das frases.

Verificámos que o grupo de ingleses apresenta resultados inferiores ao grupo de franceses na maioria das construções sintácticas.

Quanto às construções com subida de clítico simultânea, estas revelam-se difíceis para ambos os grupos (franceses e ingleses). Como se sabe, estas construções não são possíveis em Francês, pelo que será compreensível os resultados fracos obtidos pelo grupo de Francês. Nas construções com subida de clítico, apenas, os ingleses revelam dificuldades. Em nossa opinião, este facto demonstra que os sujeitos ingleses analisam os pronomes objecto em Português como formas clíticas, colocando-os, de preferência, junto de um verbo pleno e não de um auxiliar, distinguindo-se das crianças portuguesas referidas por Duarte et alii, 1994.

Quanto às construções com redobro de clítico, verificámos que todos os grupos linguísticos, incluindo o grupo de controlo, obtêm resultados fracos. Estas construções são, geralmente, usadas em situações de ênfase no complemento. Acharmos que, quer a ausência de contexto que as legitimasse, quer a falta de consciencialização de estruturas de ênfase nas aulas de línguas e nos manuais (Rutherford, 1987) poderão ter contribuído para os resultados obtidos.

Curiosamente, observámos que os ingleses obtêm bons resultados com a mesóclise. Acharmos que a particularidade desta construção poderá ter provocado nos aprendentes o *efeito de novidade* mencionado por Kleinman (1977). A saliência perceptual de uma construção pode levar os aprendentes a adquirirem-na mais facilmente do que outras.

Observámos ainda que o nível de língua dos sujeitos não influencia significativamente a identificação da sintaxe dos clíticos por parte dos sujeitos, com a excepção da mesóclise. A especificidade e o pouco uso desta construção poderão beneficiar de evidência positiva e negativa.

Os sujeitos franceses e ingleses associam preferencialmente clíticos marcados (argumentais) a construções não-marcadas (ênclise) e vice-versa.

Finalmente, os resultados, tanto nos clíticos como na sintaxe dos clíticos, sugerem a importância da aprendizagem do léxico e das suas propriedades (se são ou não argumentos do verbo).

## 7.2. Teste D: Exercício gramatical

Os resultados obtidos pelos franceses são geralmente superiores aos resultados apresentados pelos ingleses. Verificámos que, relativamente aos vários tipos de clíticos, tanto franceses como ingleses revelam algumas dificuldades com os clíticos não-argumentais dativo-ético e posse inalienável. Aachamos que estes tipos de clíticos, que não têm papel semântico, são difíceis para qualquer aprendente de L2. No grupo dos argumentais, os clíticos acusativos e nominativos também colocaram algumas dificuldades aos sujeitos do nosso estudo. A dificuldade com os clíticos acusativos está, certamente, relacionada com o fenómeno do leísmo e o não domínio de todas as propriedades lexicais dos verbos. Quanto aos clíticos nominativos, constatámos que os sujeitos colocam, geralmente, um clítico de tipo dativo, sugerindo-nos a estratégia de evitar o erro, mencionada por Schachter (1974) e uma ordem de aquisição nos clíticos argumentais.

Aachamos que o facto de os sujeitos do nosso grupo não revelarem dificuldades com os clíticos não-argumentais inerentes poderá estar relacionada com a aprendizagem do léxico e das suas propriedades. Por outro lado, a relativa facilidade observada com os clíticos inacusativos, médios e passivos pode estar relacionada com a percepção por parte dos aprendentes de L2 da existência de processos de diátese disponíveis em Português.

Quanto à sintaxe, verificámos a preferência de todos os sujeitos pelas construções enclíticas. Este facto pode justificar-se com a hipótese (IHS) de Platzack (1996) ou com a estratégia da ordem canónica apresentada por Clahsen (1996). Para este último, as formas canónicas representam o nível mais baixo de processamento pelo que são adquiridas primeiro. Os aprendentes terão ainda observado que a ordem básica em Português é SVO, excepto apenas em alguns contextos.

Quanto aos vários contextos com ênclise, verificámos que o contexto não finito de ênclise ao gerúndio se revela bastante difícil para todos os grupos. Devido ao reduzido número de observação, teremos de ser cautelosos nas conclusões. As mesmas reservas terão de ser feitas em relação aos resultados obtidos pelos ingleses com a construção de ênclise ao auxiliar. Mas, se os nossos resultados estiverem correctos, constatamos de imediato uma diferença relativamente às crianças portuguesas referidas por Duarte et alii, 1994.

Quanto aos contextos que motivam a próclise, os mais difíceis para ambos os grupos foram aqueles com NP quantificado, advérbios e elementos de foco. Alguns marcadores de foco e NPs quantificados parecem estar a perder o papel desencadeador de próclise em Português europeu. Observámos isso mesmo no grupo de controlo. Neste momento, a próclise em Português europeu parece ser mais forte com a negação e as construções com o operador *Que*.

Verificámos ainda que os sujeitos, independentemente do grupo linguístico a que pertencem, não fazem erros impossíveis na sintaxe dos clíticos. Pelo contrário, colocam estes sempre correctamente junto ao verbo, demonstrando que conhecem a relação entre o pronome clítico e o seu hospedeiro.

Verificámos mais uma vez neste teste que a sintaxe é menos afectada pelo nível de língua dos sujeitos. Contudo, verificámos a importância do nível de língua nos seguintes tipos de clíticos:

clíticos argumentais de tipo acusativo<sup>3</sup> e nominativo<sup>4</sup> e clíticos não-argumentais de tipo dativo-ético<sup>5</sup>, posse inalienável<sup>6</sup>, inerente<sup>7</sup>, posse<sup>8</sup> e inacusativo<sup>9</sup>.

## 8. Conclusões

Concordamos com Adjemian (1976) que as interlínguas são línguas naturais, distinguindo-se destas, apenas, na sua permeabilidade a outros sistemas, nomeadamente à língua materna dos indivíduos. Neste estudo sobre a aquisição dos clíticos, observámos algumas diferenças entre os grupos linguísticos envolvidos e atribuímos essas diferenças à língua materna dos sujeitos. Observámos, por exemplo que os sujeitos franceses, falantes de uma língua com clíticos da mesma natureza do Português, obtêm melhores resultados nos testes que os sujeitos ingleses. Tanto franceses como ingleses demonstram mais facilidade no domínio de clíticos argumentais do que de clíticos não-argumentais, excepto nos clíticos acusativos que possuem o traço [+HUM]. Os sujeitos de ambos os grupos linguísticos, tal como as crianças portuguesas, associam-no, preferencialmente à forma(s) *lhe(s)*.

Verificámos ainda que os aprendentes de uma língua não-materna parecem mais dependentes de análises sintácticas do que os falantes nativos. O facto de os clíticos não-argumentais não serem argumentos de verbos e não possuírem um papel semântico, parece ter dificultado o seu reconhecimento e aplicação com correcção. Os clíticos não-argumentais de tipo dativo-ético e de posse são, indubitavelmente, os mais difíceis. A relativa facilidade demonstrada, tanto por franceses como por ingleses, relativamente aos clíticos médios, inacusativos e passivos poderá estar relacionado com o fenómeno da diátese.

Quanto à sintaxe, observámos que as construções enclíticas são as mais fáceis para ambos os grupos do nosso estudo. Tanto franceses como ingleses associam, preferencialmente, clíticos marcados (não-argumentais) a construções menos marcadas (ênclise) ou vice-versa, i.e. clíticos menos marcados (argumentais) a construções mais marcadas (próclise). Este aspecto poderá estar relacionado com a competição apresentada no modelo de MacWhinney (1987) em que os aspectos linguísticos competem uns com os outros pelo mesmo espaço.

O processo de aquisição de uma língua não materna deve ser entendido como um processo complexo de elaboração de uma gramática básica na direcção da língua alvo. Com base na literatura sobre a aquisição de línguas não maternas por aprendentes adultos e ainda naquilo que se conhece sobre a aquisição dos clíticos, gostaríamos de fazer algumas sugestões para a didáctica de Português língua não materna. Aachamos importante conhecer a língua materna dos aprendentes e saber se possuem clíticos da mesma natureza. Os aprendentes que tenham uma língua materna com clíticos da mesma natureza terão mais facilidade na sua aquisição e, conseqüentemente, necessitam de menos análises contrastivas. A apresentação da sintaxe dos clíticos deve ser feita em simultâneo com os vários tipos de clíticos, não esquecendo que os aprendentes associam, geralmente, clíticos marcados a construções não-marcadas e vice-versa. Na nossa opinião, os aprendentes beneficiariam se a abordagem dos clíticos não fosse apenas sintáctica mas também fonológica. Para além disso, aachamos importante seleccionar os desencadeadores de próclise mais produtivos em Português. Actualmente, a próclise parece ser mais forte em frases negativas, relativas e interrogativas. Em suma, é fundamental proporcionar *input* variado e rico nas aulas de línguas de modo a facilitar a aquisição do léxico e das suas propriedades.

## Notas

<sup>1</sup> Este estudo foi realizado no âmbito da dissertação de Mestrado e foi orientado pelas Professoras Doutoradas Isabel Hub Faria e Inês Duarte. Foi arguido pela Professora Doutora Maria Emília Ricardo Marques.

<sup>2</sup> Este trabalho foi parcialmente publicado nas *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística: 231- 247.

<sup>3</sup> Principalmente para os franceses.

<sup>4</sup> Sobretudo para os ingleses.

<sup>5</sup> Tanto para os franceses como para os ingleses.

<sup>6</sup> Tanto para os franceses como para os ingleses.

<sup>7</sup> Principalmente para os franceses.

<sup>8</sup> Especialmente os ingleses.

<sup>9</sup> Principalmente para os franceses.

## Bibliografia

- ADJEMIAN, C. 1976. "On the Nature of Interlanguage Systems". *Language Learning*, 26:297-320.
- CARDINALETTI, A. E M. STARKE. 1994. *The Typology of Structural Deficiency on the Three Grammatical Classes*. Univ. Venezia, univ. Genève:Ms.
- CLAHSEN, H.(org) 1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- CLARK, E. 1985 "The acquisition of Romance with special reference to French". In SLOBIN, D. *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*: 687-782. Hillsdale, NJ:Lawrence Erlbaum.
- DUARTE, I., G. MATOS e I. H. FARIA: 1994. "Specificity of European Portuguese in Romance". In FARIA, I. H. e M.J. FREITAS. (orgs) *Studies on the Acquisition of Portuguese*. Comunicações apresentadas no First Lisbon Meeting 1994:129-154.
- DUARTE, I. e G. MATOS. 1994. "A colocação dos clíticos em Português Europeu e a Hipótese Minimalista". *Actas do X Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística:177-193.
- GONÇALVES, P. 1996. "Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique". In FARIA, I. H., e R. PEDRO, I. DUARTE, C. A. M. GOUVEIA (orgs.). 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 313-330.
- HAMANN, C., L. RIZZI e U. H. FRAUENFELDER. 1996. "On the Acquisition of Subject and Object Clitics in French". In CLAHSEN, H. (org). 1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins: 309-334.
- KAISER, G. 1994. "More about INFL-lection and Agreement.- The Acquisition of Clitic Pronouns in French". In MEISEL, J. (org) 1994. *Bilingual First Language Acquisition- French and German development*. Amsterdam: John Benjamins:131-159.
- KLEINMANN, H. 1977. "Avoidance behavior in adult second language acquisition". *Language Learning*, 27: 93-107.
- MACWHINNEY, B. (org) 1987. *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- MATEUS, M. H, A.M. BRITO, I. DUARTE e I. H. FARIA. 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- NESPOR, M. 1993. "The Phonology of Clitic Group" *Comunicação apresentada no workshop sobre Fonologia*. Coimbra.
- PIERCE, A.E. 1992. *Language Acquisition and Syntactic Theory – A Comparative Analysis of French and English Child Grammars*. Dordrecht: Kluwer Academic.
- PLATZCK, C. 1996. "The Initial Hypothesis of Syntax: A Minimalist Perspective on Language Acquisition and Attrition". In CLAHSEN, H. (org) 1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins: 369-414.
- ROSÁRIO, M.J.P. 1997. *A aquisição dos Clíticos em Português como Língua Estrangeira: o Papel da Língua Materna*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.
- RUTHERFORD, W. 1987. *Second Language Grammar Learning and Teaching*. Burnt Mill, Harlow: Longman.
- SCHACHTER, J. 1974. "An error in error analysis". *Language Learning*, 24: 205-214.
- STENZEL, A. 1994. "Case Assignment And Functional Categories in Bilingual Children – Routes of Development and for Linguistic Theory" In MEISEL, J. (org) 1994. *Bilingual First Language Acquisition – French and German development*. Amsterdam: John Benjamins.

- WEISSENBORN, J. 1988. "The Acquisition of Clitic Object Pronouns and Word order in French: Syntax or morphology?" *Paper presented at the 3<sup>rd</sup> International Morphology Meeting*. Krems. July.
- WHITE, L. 1996. "clitics in L2 French". In CLAHSSEN, H. (org) 1996. *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins: 335-368.